CRÍTICA TEATRO | DESCALÇOS NO PARQUE

POR **CLÁUDIO HANDREY** - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Flávia Canavarro/Divulgação



A proeminência vem da ótima Flávia Reis (C), que abusa do seu timing cômico para rechear o palco com humor de alta categoria

Amor entre **contrastes**

Sucesso na Broadway em 1963, "Descalços no Parque" é uma comédia de Neil Simon, adaptada para o cinema em 1967, com Robert Redford e Jane Fonda. Numa transposição para o Rio de Janeiro, Guilherme Weber explora a intimidade do casal adicionando pitadas de humor e referências brasileiras. Trata-se do embate entre Edu e Lara, que ao chegarem da lua de mel no Copacabana Palace, instalam-se num minúsculo apartamento no bairro do Catete, palco para o desastre conjugal.

O prédio não tem elevador e os seis lances de escada já começam por estressar o jovem advogado, que irrompe o apartamento sem fôlego. O quarto é tão pequeno que mal cabe a cama de solteiro, uma abertura no teto, entre outros obstáculos propiciam a derrocada do relacionamento. Ela, uma jovem descontraída, impulsiva, otimista, não se abate pelas adversidades a que o novo espaço os conduz, todavia, ele é conservador, rígido, focado no trabalho, e o contraste das personalidades gera conflito nos recém-casados, despedaçando o castelo de ilusões diante da vida como ela é. A mãe da protagonista, um vizinho e um técnico de telefone apimentam o desenrolar dramatúrgico.

Apesar do bom gosto da montagem, a direção de Guilherme Weber carece de uma maior personalização. Por vezes parece que estamos assistindo a um sitcom, com marcas que não favorecem a teatralidade. A cena do técnico ao se dirigir à plateia empobrece a encenação e emperra o fluxo dramático. No entanto, a trilha sonora do diretor instaura charme e elegância à montagem, numa imersão na Bossa Nova, criando uma atmosfera envolvente.

Com talento e carisma, Larissa Manoela encanta sem esforço. Presença marcante, a atriz passeia pela cena com segurança, demonstrando domínio corporal, além de colorir sua Lara com perspicácia. Já André Luiz Frambach revela dificuldades com o teatro: perde-se falas pela emissão subvocalizada, além de uma dicção imprecisa, mesmo microfonado, comprometendo a audibilidade e a compreensão do texto. O Sr.Velasco de Claudio Mendes é instigante, colaborando para o bom funcionamento cênico. Diego de Abreu defende seu Paulinho Cuíca com graça e sabedoria na difícil tarefa de sustentar uma personagem insípida.

A proeminência vem da ótima Flávia Reis, que abusa do seu timing cômico para rechear o palco com humor de alta categoria. Repleta de inteligência cênica, enlouquece: joga sapato para o alto, rodopia, diverte-se com as palavras, dando-nos a sensação de que vai se perder na loucura, mas o que se constata é a técnica de uma atriz.

A bela cenografia de Mina Quental, com paredes, fogão, geladeira acinzentados, reflete teatralidade, em perfeita sintonia dramatúrgica com a claraboia. A esbelteza se impõe nos figurinos de Karen Brusttolin, sobretudo na vestimenta dos protagonistas, valorizando os costumes sociais dos anos 1950. A luz de Adriana Ortiz é adequada e se ilumina com delicadeza ao final do espetáculo. Toni Rodrigues auxilia o elenco, mas não resolve a corporalidade do protagonista.

SERVIÇO

DESCALÇOS NO PARQUE

Teatro Clara Nunes (Shopping da Gávea - (Rua Marquês de São Vicente, 52)

Até 28/11, quintas e sextas (20h), sábados (16h e 20h)

Ingressos entre R$ 50 e R$ 25 (meia) e R$ 220 e R$ 110 (meia)

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

Cláudia Ribeiro/Divulgação



A saga de Boca de Ouro

O universo de Nelson Rodrigues volta aos palcos por meio de um personagem que nasce numa pia de gafieira e cresce até virar um temido bicheiro. Em "Boca de Ouro", a mitologia do contraventor encontra o olhar de quem tenta reconstituí-lo depois de sua morte, num jogo de versões que é uma das engrenagens mais cortantes do texto. A montagem está em cartaz no Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160), onde segue até 22/11, às quintas e sextas (20h); e sábados e domingos (18h). Ingressos a R$ 40 e R$ 20 (meia).

Juliana Chalita/Divulgação



Sherazade desconstruída

Carolina Chalita apresenta uma pergunta que desmonta a heroína das "Mil e Uma Noites": o que sobra quando uma mulher se recusa a sobreviver apenas contando histórias para um homem? Em "Eu Matei Sherazade, confissões de uma árabe em fúria", a atriz assina também a dramaturgia da adaptação do livro de Joumana Haddad, com direção de Miwa Yanagizawa e música ao vivo de Beto Lemos. O solo põe realidades árabes e ocidentais sob a mesma luz. Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 104) até 27/11, às terças e quartas (20h).

Renato Mangolin/Divulgação



Jogo de incertezas

Uma carta anônima acusa uma atriz de plágio, e é por essa fresta que Fabianna de Mello e Souza abre o solo "Adorável Face de Andronieva Petrosa", com dramaturgia de Cecília Ripoll e direção de Denise Stutz. A denúncia aciona um jogo de memória, autoria e ficção, aproximando humor e suspense. A acusação faz a personagem desconfiar até da própria lembrança. A montagem inicia temporada no Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104) e permanece até 20/12, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h).